

**“Cada uno en su oficio puede alabar a Dios”. A sátira da religiosidade na
trajetória dos pícaros de *Rinconete y Cortadillo***

Paula de Araújo

(Universidade de São Paulo)

Estudando o modo como o romance *Rinconete y Cortadillo* constrói a sua originalidade com a combinação de elementos de diversos gêneros (picaresca, teatro, *novella* italiana) é possível constatar algo que sempre se afirmou sobre a literatura cervantina: a sua capacidade de dialogar com seu contexto literário de maneira singular, aportando ao leitor o privilégio de reconstruir a cada leitura um pouco da história da literatura espanhola. Esse romance, conhecido sobretudo pela pluralidade de formas discursivas com as quais dialoga, pela combinação de elementos como picaresca e teatro, também está constituído por elementos do gênero satírico. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo estudar a presença da sátira de alguns aspectos da sociedade sevilhana em *Rinconete y Cortadillo*.

A narrativa da trajetória dos dois jovens pícaros atraiu desde sempre a atenção da crítica e é ao lado do *Coloquio de los perros* uma das narrativas mais estudadas. Esse fato pode estar relacionado, entre outros fatores, à sua vinculação à tradição picaresca ou ao interesse que suscita seu viés mais realista dentro do variado conjunto das Novelas Exemplares. *Rinconete y Cortadillo* possui um tema relativamente simples, que poderia ser resumido em duas ou três linhas, o que de algum modo contrasta com a pluralidade de discursos presentes em sua composição: trata-se do encontro casual, de dois jovens pícaros que se tornam amigos e decidem seguir juntos sua trajetória, quando são incorporados a uma peculiar organização

criminosa, a chamada *Confraria de Monipodio*, instituição formada por pícaros devotos e organizada dentro dos moldes de uma instituição religiosa.

Com a justaposição de elementos de religiosidade e de picaresca, a narrativa ganha acentuados contornos satíricos que enriquecem a sua pluralidade de discursos. Própria das práticas poéticas do século XVII a sátira como gênero literário independente é considerada de origem latina por Quintiliano, e tem como objetivo “ferir para curar” propondo a correção dos males¹. Ao dramatizar e exagerar os vícios, movem-se os afetos, persuadindo dessa forma o auditório.

Cenário de delinqüentes e prostitutas, o *Patio de Monipodio* dentro da esfera da narrativa, funciona como um espaço por onde desfilam diversos tipos sociais. Espectadores atônitos desse espetáculo, Rinconete e Cortadillo se surpreendem com a variedade de formas e disfarces que o crime pode ganhar no contexto dessa pequena sociedade secreta. Funciona nesse recinto uma espécie de sindicato de ladrões que está organizado como um tipo de congregação em que, para fazer parte, os pícaros devem passar primeiro por uma seleção e depois pelo ano de noviciado em que devem ter uma aprendizagem. Além disso, a confraria possui regras que fazem com que os ladrões sejam devotos, ou seja, que cumpram certas obrigações, rituais religiosos que lhes designa o chefe Monipodio; em troca os delinqüentes receberiam uma espécie de proteção divina que os auxiliaria em momentos oportunos.

— *¿Es vuesa merced, por ventura, ladrón?*

— *Sí — respondió él —, para servir a Dios y a las buenas gentes, aunque no de los muy cursados; que todavía estoy en el año del noviciado.*

A lo cual respondió Cortado:

— *Cosa nueva es para mí que haya ladrones en el mundo para servir a Dios y a la buena gente.*

A lo cual respondió el mozo:

— *Señor, yo no me meto en tologías; lo que sé es que cada uno en su oficio puede alabar a Dios, y más con la orden que tiene dada Monipodio a todos sus ahijados.*

— *Sin duda — dijo Rincón —, debe de ser buena y santa, pues hace que los ladrones sirvan a Dios².*

Instigados pela novidade, Rinconete e Cortadillo decidem comprovar se de fato é possível que delinqüência e religião compartilhem os mesmos estatutos. Lá descobrem como os delinqüentes da confraria, persuadidos pelo chefe Monipodio, praticam rituais religiosos e entendem que ser um ladrão ou prostituta não lhes impede de manter paralelamente uma vida devota. O mesmo estatuto que prega que todos os bens roubados devem ser divididos, também recomenda contribuir com esmola para os santos, rezar o rosário todas as semanas, encomendar missa pelas almas etc.

Mistura de superstição e ritualismo, a religiosidade pregada por Monipodio, parece se aproximar de alguns costumes sociais da época, em que criminosos mantinham rituais católicos como forma de conseguir proteção divina ou escapar da justiça:

Por rareza se cogía o se mataba a un bandolero, a quien no se le encontrase en el pecho medallas y escapularios; y oraciones he oído y copiado yo, de los sesenta años la rezaban devotísimamente los salteadores, para hacerse invisibles de la gente armada.³

A partir da chegada de Rinconete e Cortadillo ao *Patio de Monipodio* nota-se a intersecção do cênico com o narrativo. Os personagens atuam como se fossem atores em cena, o que algum modo se relaciona com a origem dramática que Horacio atribui ao gênero satírico.

No tardó mucho, cuando entraron dos viejos de bayeta, con antojos que los hacían graves y dignos de ser respetados, con sendos rosarios de sonadoras cuentas en las manos. Tras entró una vieja halduda, y, sin decir nada fue a la sala, y habiendo tomado agua bendita, con grandísima devoción se puso de rodillas ante la imagen, y a cabo de una buena pieza, habiendo primero besado el suelo y levantado los brazos y los ojos al cielo otras tantas, se levantó y echó su limosna en la esportilla, y se salió con los demás al patio. En resolución, en poco espacio se juntaron en el patio hasta catorce personas de diferentes trajes y oficios.⁴

Ao expor e exagerar as máculas, as fraquezas e os pecados, a sátira propõe a repreensão dos vícios. O fragmento se destaca principalmente pela

teatralidade e pela devoção dos delinqüentes externalizada de modo exagerado e superficial através dos gestos ou por trazer objetos que colocam em evidência sua grandíssima devoção.

Segundo *el Tesoro de Covarrubias*, a sátira “es un género de verso picante, el cual reprehende los vicios y desórdenes de los hombres; y poetas satíricos los que escribieron el tal verso, como Lucilio, Horacio, Juvenal”. Desse modo, ao satirizar um determinado aspecto social, são denunciados e repreendidos os vícios. Já a origem da palavra é uma motivação etimológica do termo latino *satura* pelo grego *satyros*, ambos significam mistura, *satura* mistura de discursos e *satyros* mistura de homem e bode. O gênero é dessa forma híbrido em sua essência. Como o *satyros* que tem duas naturezas formando assim uma terceira, o gênero não possui a unidade prescrita como em outros gêneros: “é mista, como mescla de alto e de baixo, grave e livre, trágico e cômico, sério e burlesco”⁵.

A organização de Monipodio, repleta de regras e valores, em que criminosos estão submetidos a estatutos, no âmbito do romance, contrasta com a falta de cumprimento de regras sociais básicas por parte da justiça oficial, representada pelo personagem do *alguacil*, que negligencia seu trabalho, apoiando o crime organizado. Há desse modo duas sociedades paralelas, a de Monipodio e a “oficial”. Em comum, essas sociedades paralelas apresentam uma inversão de seus valores: por um lado a justiça deixa de seguir suas regras oficiais para adequar-se às regras inventadas por Monipodio e por outro a máfia se apropria de regras e preceitos religiosos da sociedade vigente de modo inconseqüente para atribuir maior autoridade aos seus estatutos. Ou seja, ladrões seguem de maneira irrestrita as leis de sua “organização” enquanto a justiça oficial transgride seus estatutos ao deixar de lado sua tarefa essencial de combater o crime, prestando, inclusive, serviços ao crime. Monipodio expõe os seus rituais, refere-se a quem os protege:

[...] y estas tales misas, así dichas como pagadas, dicen que aprovechan a las tales ánimas por vía de naufragio, y caen debajo de nuestros bienhechores: el procurador que nos defiende, el guro⁶ que nos avisa, el verdugo que nos tiene lástima, [...]. Son también bienhechoras nuestras las socorridas⁷, que de su sudor nos socorren, así en la trena como en las guras; y también lo son nuestros padres y madres, que nos echan al mundo, y el escribano, que si anda de buena, no hay delito que sea culpa ni culpa a quien se dé mucha pena; [...].⁸

E também no momento em que são surpreendidos pela visita de um funcionário da justiça, o chefe os tranqüiliza:

*Estando en esto, entró un muchacho corriendo y desalentado, y dijo:
— El alguacil de los vagabundos viene encaminado a esta casa, pero no trae consigo gurullada⁹.
— Nadie se alborote — dijo Monipodio —, que es amigo y nunca viene por nuestro daño. Sosiéguese, que yo le saldré a hablar.*

Ao abordar dessa maneira a realidade da delinquência sevilhana, Cervantes teatraliza seus vícios, inflando, exagerando seus males através de uma atmosfera festiva em que reina a alegria e a liberdade, assim como o descaso pelas regras sociais que são reinventadas. É a tópica do mundo às avessas que ao lado de outras como misoginia, glotoneria, usura, luxúria etc. formavam o elenco de lugares comuns mais ou menos petrificados das tópicas de invenção poética¹⁰. Torres Naharro trata da mesma tópica num poema de sua obra *Sátyras* que, ao criticar a sociedade romana, parece referir-se à Sevilha de Monipodio:

*huyendo virtudes, siguiendo locuras,
loando lo malo, tachando lo bueno [...]
Las cosas más feas traemos en palmas;
triumphan los cuerpos, mas; guay de las almas
[...]
Quien sabe mentir s[a]brá triumphar;
quien vsa bondad la cuelgue del cuello
quien fuere el que deue, que muera por ello [...]*¹¹

De fato é possível notar uma tonalidade crítica expressada pela leveza satírica de *Rinconete y Cortadillo*, castigat ridendo mores, rindo castigam-se os males,

critica-se principalmente a banalização dos assuntos religiosos, assim como a ineficácia da justiça, que permite a existência de semelhante instituição. Em paralelo é possível destacar a presença incidental de idéias erasmistas que faziam parte do pensamento dos escritores do período. Um dos aspectos que mais rebelavam os humanistas era a religiosidade exterior e superficial que fazia parte da atmosfera contra-reformista desse período na Espanha. Cervantes também denuncia, mas com leveza, antes prefere deixar que os também pícaros Rinconete e Cortadillo emitam seu juízo com relação aos seus novos colegas de ofício (será que cada um em seu ofício pode servir a Deus?), situando a crítica na voz de personagens que, por também pertencerem ao mundo do crime, têm sua credibilidade abalada. O autor guarda para o final da narrativa uma irônica *moraleja*. Sua sátira é leve e desse modo tem muito mais do cômico que do vitupério.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

ARISTÓTELES; HORACIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1994.

CERVANTES, Miguel de. *Novelas ejemplares*. Ed. Jorge García López. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

DELEITO Y PIÑUELA. *La mala vida en España de Felipe IV*. Madrid: Alianza, 1998.

DOMÍNGUEZ ORTIZ. *La sociedad española en el siglo XVII*. Granada: Consejo de investigaciones científicas, 1970.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o Engenho*. São Paulo: Ateliê, 2004.

LÓPEZ PINCIANO. *Philosophia antigua poética*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto Miguel Cervantes, 1953.

RALLO GRUSS, Asunción. *Erasmus y la prosa renacentista española*. Madrid: Editorial Laberinto, 2003.

SCHOLBERG, K. *Algunos aspectos de la sátira en el siglo XVI*. Berne/ Frankfurt/ Las Vegas: Peter Lang, 1979.

VAILLO, Carlos (Org.). *Estudios sobre la sátira española en el Siglo de Oro*. Madrid: Editorial Castalia, 2006.

VILAGRAN, M. G. *La palabra del predicador. Contrarreforma y superstición en Cataluña (siglos XVII y XVIII)*. (Tesis doctoral), Universidad Autónoma de Barcelona, 2003.

VILLALÓN, Cristóbal. *El Crótalon de Cristoforo Gnofoso*. Madrid: Cátedra, 1990.

Notas

¹ HANSEN, 2004, p. 48.

² CERVANTES, M. *Novelas ejemplares*. Ed. Jorge García López. Barcelona: Crítica, 2001. p. 189.

³ Rodríguez Marin, citado por Deleito y Piñuela: *La mala vida en la España de Felipe IV*, p. 98.

⁴ CERVANTES, M. *Novelas ejemplares*. Ed. Jorge García López. Barcelona: Crítica, 2001. p. 210.

⁵ HANSEN, 2004, p. 292.

⁶ *Alguacil*, funcionário da justiça.

⁷ Prostitutas.

⁸ CERVANTES, M. *Novelas ejemplares*. Ed. Jorge García López. Barcelona: Crítica, 2001. p. 186.

⁹ Grupo de *alguaciles*.

¹⁰ HANSEN, 2004, p. 52.

¹¹ In: *Algunos aspectos de la sátira en el siglo XVI*, p. 74.